



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

PROGRAMA SUCESSO ESCOLAR
DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SUGERIDAS - 3º TRIMESTRE

Área de conhecimento: Ciências Humanas

Componente curricular: História

Código e Habilidade: (EF06HI10/ES) Explicar a formação da Grécia Antiga, com ênfase na formação da pólis e nas transformações políticas, sociais e culturais. Evidenciando as diversas formas de organização política criada e sistematizada nas diferentes cidades-estados, as semelhanças existentes entre os maias, civilização ameríndia, e os helenos, no que concerne a ideia de autonomia e independência política entre as cidades-estados (pólis), e, também, quanto às hipóteses de decadência dessas civilizações.

Título: A democracia ateniense e suas instituições políticas.

Objetivo: Compreender a construção do conceito moderno de democracia, evidenciando as semelhanças e as diferenças entre as democracias contemporâneas e a ateniense.

Materiais: *Chromebooks* com acesso à internet, caderno, caneta, lápis e borracha.

Local: Laboratório de informática e/ou sala de aula.

Desenvolvimento: Em grupos, os estudantes devem pesquisar sobre as características da democracia ateniense e suas principais instituições políticas. Em seguida, em conjunto com o professor, o aluno deve refletir sobre as semelhanças e diferenças entre a democracia ateniense e as instituições políticas das democracias atuais. O professor pode orientar os estudantes a elaborarem um quadro comparativo no caderno, ou mesmo em um cartaz a ser exposto na sala de aula, com as informações levantadas, enfatizando as seguintes noções/conceitos: democracia direta e representativa, cidadania, separação entre os poderes (executivo, legislativo e judiciário), assembleias de representantes dos cidadãos (Câmara dos Deputados, Senado, Eclésia, Ágora, Bulé, etc.).

Duração: 100 minutos.

Referências:

FUNARI, P. P. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2002.

BOULOS JÚNIOR, A. *História: sociedade e cidadania*, 6º Ano. São Paulo. São Paulo: Saraiva, 2019.

VICENTINO, C. *Teláris - História, 6º ano: ensino fundamental, anos finais*. São Paulo: Ática, 2018.

Código e Habilidade: (EF08HI04/ES) Identificar e relacionar os processos da Revolução Francesa e seus desdobramentos na Europa e no mundo, considerando a importância da Revolução Francesa em diversos processos históricos ocorridos no Brasil e no Espírito Santo nesse período e posteriormente, guiados pelas ideias disseminadas durante esse acontecimento.

Título: *Trabalho com fontes visuais*.

Objetivo: Analisar imagens (charges, gravuras e pinturas) do período da Revolução Francesa a fim de favorecer a abertura de uma discussão inicial sobre esse processo histórico.



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

Materiais: Chromebooks com acesso à internet, Datashow ou TV, caderno, lápis, borracha e canetas.

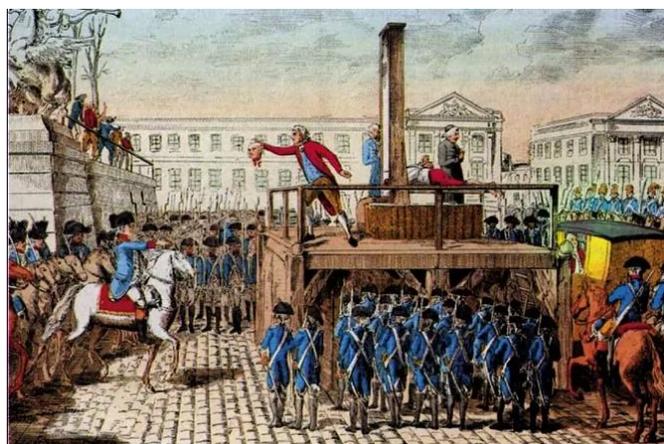
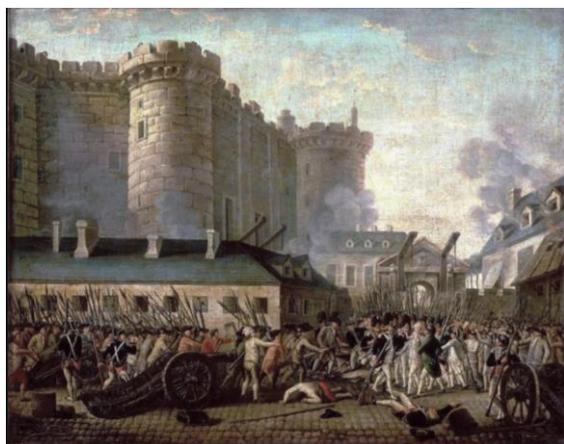
Local: Sala de aula.

Desenvolvimento: Organize os estudantes em grupos e distribua entre eles uma imagem relacionada à Revolução Francesa. Peça para que pesquisem, em diversas plataformas e recursos digitais, informações sobre cada imagem e sobre o contexto em que foram produzidas. Em seguida, cada grupo compartilhará as informações pesquisadas com a turma, por meio de uma roda de conversa, indicando possíveis interpretações das imagens e relacionando-as aos principais acontecimentos do processo revolucionário.

Exemplos de imagens que podem ser utilizadas



Fonte: <<https://www.unifal-mg.edu.br/remadih/revolucao-francesa/>>.



Fonte: <<https://revistagalileu.globo.com/blogs/Maquina-do-Tempo/noticia/2016/07/por-que-revolucao-francesa-influencia-o-mundo-ate-hoje.html>>.

Duração: 50 minutos.

Referências:



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

BOULOS JÚNIOR, A. *História: sociedade e cidadania*, 8º Ano. São Paulo. São Paulo: Saraiva, 2019.

TANJI, Thiago. Por que a Revolução Francesa influencia o mundo até hoje. Liberdade, igualdade, fraternidade e cabeças rolando marcaram o final do século 18 na Europa. *Revista Galileu*, 14 jul. 2016. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/blogs/Maquina-do-Tempo/noticia/2016/07/por-que-revolucao-francesa-influencia-o-mundo-ate-hoje.html>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

MENEZES, Marco Antonio de. Imagens militantes: representações da Revolução Francesa na pintura de Jacques-Louis David. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 298-319, 2020. Disponível em: <<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/954>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

Código e Habilidade: (EF08HI05/ES) Explicar os movimentos e as rebeliões da América portuguesa, articulando as temáticas locais e suas interfaces com processos ocorridos na Europa e nas Américas, as consequências e impactos das mudanças ocorridas na Europa no Brasil aurífero, as revoltas e a transição da colônia para o Império.

Título: Tiradentes: mito ou herói?

Objetivo: Refletir sobre a construção do imaginário político e cultural sobre Tiradentes.

Materiais: *Chromebooks* com acesso à internet, caderno, lápis, caneta.

Local: Laboratório de informática ou sala de aula.

Desenvolvimento: De início, o professor poderá apresentar aos estudantes a conjuntura de crise do sistema colonial e de revoltas que ocorreram no Brasil no final do século XVIII, destacando em que medida esses movimentos foram influenciados pelas ideias iluministas. Com base nessa abordagem inicial, os estudantes poderão elaborar nos cadernos um quadro comparativo descrevendo as diferenças entre as revoltas nativistas e as emancipacionistas (como a Inconfidência Mineira).

Num segundo momento, o professor abordará com os estudantes a figura de Tiradentes, que, sobretudo após a Independência, teve sua imagem usada como símbolo de luta pela liberdade no Brasil, tanto na fase imperial quanto na fase republicana. Alguns questionamentos podem ser direcionados aos estudantes, como: você já ouviu falar de Tiradentes? Por que você acha que ele tinha esse apelido? Você sabia que existe um feriado em homenagem a ele? Qual foi a importância dele na nossa história? A partir de tais reflexões, os estudantes serão convidados a pesquisar, em diferentes mídias digitais, a biografia de Tiradentes e sua participação na Inconfidência Mineira. É importante que o professor destaque durante as aulas que Tiradentes pode ser visto como uma das mais importantes figuras que tiveram sua representação manipulada a fim de fortalecer a nossa República, sendo, por vezes, representado sob a figura de um mártir quase messiânico e colocado como o formador de um ideal patriota em que a nação se colocava antes da própria vida.

Com o auxílio das pesquisas que os estudantes fizerem, caberá ao professor ressaltar que, nos últimos anos, essa ideia de mito vem sendo desconstruída por alguns historiadores. Há um retorno à documentação, valorizando a busca de novas leituras que apresentar Tiradentes sob várias faces: o mártir símbolo dos republicanos, o sacrificado como Jesus Cristo, o bode expiatório, o líder da



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

Conjuração Mineira, o ignorante. Qual dessas seria a face verdadeira? Especulações à parte, o que importa na história da Inconfidência Mineira é que a imagem de Tiradentes enquanto herói resiste ao tempo. Mas, como a História do Brasil continua sendo escrita, qual a história que será contada, no futuro, sobre o que está ocorrendo no presente? Qual é o verdadeiro Tiradentes? O mártir, símbolo da República? O líder da Conjuração Mineira? O ignorante? Ou aquele que serviu de exemplo para seus companheiros? Todos esses questionamentos poderão embasar um debate ou uma roda de conversa.

Duração: 100 minutos.

Referências:

BOULOS JÚNIOR, A. *História: sociedade e cidadania*, 8º Ano. São Paulo. São Paulo: Saraiva, 2019.

LOURENÇO, Beatriz. Quem foi Tiradentes e qual era o seu papel na Inconfidência Mineira. *Revista Galileu*, 21 abr. 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/04/quem-foi-tiradentes-e-qual-era-o-seu-papel-na-inconfidencia-mineira.html>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

OLIVEIRA, Sidnei Santos de. Representação de um herói. *Revista Pesquisa Fapesp*, ed. 297, nov. 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/representacao-de-um-heroi/>. Acesso em: 07 jul. 2022.

Código e Habilidade: (EF08HI19/ES) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas, identificando o protagonismo (cultural, alimentar, étnico, religioso etc.) da população afrodescendente no Espírito Santo.

Título: O legado da escravidão nas Américas.

Objetivo: Reconhecer problemas socioeconômicos atuais que representam continuidades históricas do processo de escravidão e as manifestações culturais da população afrodescendente como formas de resistência ao legado escravista.

Materiais: Revistas, jornais, computadores com acesso à internet.

Local: Sala de aula.

Desenvolvimento: O professor pedirá para que os estudantes pesquisem em jornais, revistas e na internet, artigos e matérias que destaquem o legado da escravidão no Brasil, com destaque para o histórico de exclusão sofrida pela população afrodescendente desde a nossa história colonial. Em grupos menores, os discentes devem organizar as matérias e elencar os problemas vividos na atualidade, que podem ser enxergados ainda em seu dia a dia, que são resquícios da escravidão, além de manifestações da comunidade negra contra atos racistas.

Duração: 100 minutos.

Referências:

BOULOS JÚNIOR, A. *História: sociedade e cidadania*, 8º Ano. São Paulo. São Paulo: Saraiva, 2019.



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

NOVA ESCOLA. *5 planos de aula sobre Escravidão nas Américas*. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/8ano/historia/sequencia/escravidao-nas-americas/851>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

VICENTINO, C. *Teláris - História, 8º ano: ensino fundamental, anos finais*. São Paulo: Ática, 2018.

Código e Habilidade: (EF08HI21/ES) Identificar e analisar as políticas oficiais com relação ao indígena durante o Império, evidenciando a condição das variadas etnias que habitavam o Espírito Santo neste contexto histórico.

Título: O Espírito Santo indígena.

Objetivo: Conhecer os principais agrupamentos indígenas do Espírito Santo e a contribuição indígena na construção da identidade capixaba.

Materiais: Computadores com acesso à internet, cartazes, canetinhas, lápis de cor, livros didáticos.

Desenvolvimento: Em grupos, os estudantes devem pesquisar sobre os principais agrupamentos indígenas do Espírito Santo. A partir dessa pesquisa, incentivar os estudantes a conhecer melhor a localização dos agrupamentos, sua cultura e sua história. Em seguida, os estudantes devem elaborar em conjunto, um painel com o mapa do Espírito Santo, destacando as principais comunidades, de forma apresentar à escola o resultado de suas pesquisas. É importante enfatizar, na produção deste painel, as dificuldades enfrentadas pelas comunidades indígenas, ao longo dos períodos imperial e republicano, decorrentes de políticas oficiais que lhes privaram de direitos fundamentais, ou mesmo as políticas que colaboraram com a proteção e a existência de parte dessas comunidades.

Local: Sala de aula.

Duração: 150 minutos.

Referências:

MOREIRA, Vânia Maria Losada. *Espírito Santo indígena*. Conquista, trabalho, territorialidade e autogoverno dos índios, 1798-1860. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2017.

Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Espirito_Santo_Indigena_completo_site.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2022.

Código e Habilidade: (EF08HI23/ES) Estabelecer relações causais entre as ideologias raciais e o determinismo no contexto do imperialismo europeu e seus impactos na África e na Ásia, verificando que no caso do Brasil e do Espírito Santo, conduziu ao projeto político/social de branqueamento da população. O darwinismo social, no contexto histórico do século XIX e início do século XX, legitimou o imperialismo/neocolonialismo.

Título: Ideologias Imperialistas.

Objetivo: Possibilitar que os estudantes relacionem as ideologias raciais e o determinismo do século XIX ao imperialismo europeu, compreendendo como o darwinismo social legitimou o imperialismo/neocolonialismo e o desenvolvimento de teorias eugenistas e pseudocientíficas.

Materiais: Livro didático, caderno, lápis e canetas.



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

Local: Sala de aula.

Desenvolvimento: Inicie a aula perguntando aos estudantes o que é a Ásia e o que é a África. Certamente eles responderão que são continentes. Pergunte se sabem o nome de povos que vivem nesses continentes e suas respectivas línguas. Provavelmente eles não responderão com a mesma profundidade que responderiam se a questão fosse relativa à Europa. Portanto, nesse primeiro momento da aula, é importante ressaltar que tanto a África como a Ásia são continentes com diferentes países, etnias, línguas e culturas. Essa ideia deverá ser retomada em vários momentos da aula, em razão dos métodos e das formas de conquista empreendidos pelos europeus. Após essa introdução, trabalhe com os estudantes a definição de imperialismo do século XIX e faça uma breve comparação com o processo imperialista anterior, que ocorreu a partir dos séculos XV e XVI na América.

Em seguida, trabalhe as formas de controle criadas pelos europeus para dominar esses dois continentes, tanto pelo uso da violência como pela imposição cultural. Explique aos estudantes como ocorreu a dominação econômica (monopólio de produção, cobrança de impostos, exploração de matérias-primas, consumo dos produtos industrializados), a dominação cultural (valorização dos ideais culturais europeus em detrimento dos valores culturais dos povos dominados, definidos como “primitivos” ou “atrasados”) e a dominação de territórios (controle sobre vastas extensões de terra, unindo povos de identidades distintas e separando povos de uma mesma cultura, sem se importar com as consequências disso). Use o mapa que compara os territórios conquistados pelos europeus e os territórios das principais etnias e reinos africanos para ilustrar isso.

Em um segundo momento da aula, é importante trabalhar o tema da visão dos europeus sobre o mito da superioridade do branco sobre esses povos e como ele se manifestou no processo imperialista. Além disso, é relevante salientar que os europeus criaram uma ideologia que justificasse seu domínio sobre territórios da África e da Ásia, e tal justificativa foi baseada no grau “civilizatório”. Dessa forma, uma vida tribal, a ausência de tecnologia e a adoção de valores religiosos diversos eram argumentos utilizados pelos europeus como justificativa para a dominação desses continentes, em decorrência da percepção de um “atraso” em relação ao que era considerado progresso: a vida urbana, o uso de tecnologias e certos valores religiosos e morais. Nesse momento, deverá ser trabalhado o conceito de “missão civilizadora”. Defina-o para os estudantes com base na poesia de Rudyard Kipling, *O fardo do homem branco*. Segundo esse conceito, o europeu tinha o dever moral de conduzir essas populações ao caminho da civilização. Para isso, as comunidades “atrasadas” deveriam receber a cultura europeia, por ser a única “correta”. Ajude os estudantes a perceber como os termos utilizados para justificar esse processo de demolição cultural – todos referentes à cultura africana ou asiática – eram depreciativos: “primitivo”, “retrógrado”, “bárbaro”, “selvagem”, “simples”.

A partir dessas reflexões, promova com os estudantes um debate ou roda de conversa para refletir sobre o *mito da superioridade*. Para iniciar o debate, pergunte aos estudantes se existem culturas superiores e inferiores. É provável que alguns respondam que sim. Questione, então, o que faz uma cultura ser superior ou inferior. Provavelmente serão mencionadas a tecnologia, a vida urbana etc. Questione-os, então, se em comunidades ditas mais “primitivas”, como algumas comunidades indígenas ou grupos mais isolados, existem os problemas comuns do cotidiano das grandes



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

idades, como roubos e violência gratuita, entre outros. Provavelmente os estudantes responderão que não, o que serve de gancho para outra pergunta: esses problemas das grandes cidades não são sinais de barbarismo ou selvageria? A tendência é que os estudantes fiquem em silêncio, demonstrando certa confusão.

Continue o debate, perguntando se alguém da sala conhece ou presenciou uma situação de abuso, ofensas ou violência por causa da cor ou da etnia da vítima. Se alguns estudantes levantarem a mão, peça que narrem o acontecido. Pergunte o tipo de tratamento que receberam e por que acham que isso aconteceu. Explique que esse mecanismo de inferiorização sofrido é, basicamente, o mesmo que sofreram os asiáticos e os africanos naquela época. Muitos europeus, por considerarem a cultura desses povos inferior, de fato acreditavam que deveriam ensiná-los a serem civilizados. Ser civilizado, porém, significava absorver a cultura, a língua e a religião dos europeus.

Para finalizar a aula, converse com os estudantes a respeito da diversidade cultural. Pergunte se todos realmente devem ser iguais, ou se todos deveriam pensar do mesmo jeito e agir da mesma maneira. Explique que uma das maiores riquezas da humanidade são justamente as diversidades étnica e cultural, e que é a aceitação do outro que deve ser praticada, e não a intolerância e a destruição de uma cultura considerada inferior.

Duração: 100 minutos.

Referências:

BOULOS JÚNIOR, A. *História: sociedade e cidadania*, 8º Ano. São Paulo. São Paulo: Saraiva, 2019.

VICENTINO, C. *Teláris - História, 8º ano: ensino fundamental, anos finais*. São Paulo: Ática, 2018.

Código e Habilidade: (EF08HI26/ES) Identificar e contextualizar o protagonismo das populações locais na resistência ao imperialismo na África e Ásia.

Título: Resistência dos povos afro-asiáticos.

Objetivo: Reconhecer as formas de resistência dos povos locais ao imperialismo e à dominação europeia na África e na Ásia a partir do século XIX.

Materiais: Computadores, livros didáticos, papel, cartolinas, canetas, canetinhas.

Local: Sala de aula.

Desenvolvimento: Nesta aula, os alunos produzirão um material para ser apresentado e exposto em sala sobre os conflitos que ocorreram na Ásia e na África durante o século XIX, em pleno processo de domínio europeu nesses continentes. Embora haja algumas sugestões, como a colonização do Congo, a Guerra dos Boxers, a Guerra do Ópio, a Revolta dos Cipaios e Guerra dos Bôeres, outros conflitos podem ser selecionados. É importante salientar que, caso sejam escolhidas outras revoltas que não as sugeridas, deve-se ter o domínio e o conhecimento sobre elas para auxiliar os estudantes durante a elaboração da atividade. Cada grupo, composto de quatro ou cinco integrantes, deverá pesquisar uma das revoltas a partir dos seguintes critérios:

- local: onde ocorreu a revolta;
- motivos: motivações para a revolta;
- desenvolvimento: como a revolta se desenrolou;



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

- conclusão: quais foram os resultados da revolta.

Os alunos vão preparar o material da apresentação durante a aula, utilizando a sala de informática ou a biblioteca para a elaboração das pesquisas. É importante ressaltar que as fontes sempre devem ser informadas. Auxilie-os no que for necessário, sanando dúvidas e orientando-os na montagem do cartaz. Será necessário que os alunos saibam selecionar os conteúdos e as informações importantes a partir das fontes que tiverem em mãos. Distribua o material para a produção dos cartazes e, caso algum grupo não consiga terminá-los em sala, oriente-os a finalizar os cartazes em casa e trazê-los prontos para a apresentação na próxima aula.

Finda esta etapa de elaboração, os alunos apresentarão as atividades que produziram na aula seguinte. A sequência de apresentação não importa, pois a ordem cronológica não necessariamente facilita o entendimento do conteúdo. Durante a avaliação das revoltas, é importante que os alunos apresentem domínio sobre o tema. Como critérios de avaliação, também é importante que a apresentação visual da atividade esteja satisfatória.

Ao final das apresentações, procure relacionar todos esses conflitos. Um dos elos mais importantes a serem ressaltados é a resistência de comunidades que já estavam instaladas na região ou que eram nativas dela contra a presença de um colonizador que procurava dominar territórios e impor não apenas sua cultura, como também seu modo de vida.

Duração: 100 minutos.

Referências:

BOULOS JÚNIOR, A. *História: sociedade e cidadania*, 8º Ano. São Paulo. São Paulo: Saraiva, 2019.

SILVA, Daniel Neves. Movimentos de resistência ao neocolonialismo na África. *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiaq/movimentos-resistencia-ao-neocolonialismo-na-africa.htm>>. Acesso em: 01 ago. 2022.